François Hartog
Organizador

A HISTÓRIA
DE HOMERO A SANTO AGOSTINHO

PREFÁCIOS DE HISTORIADORES E TEXTOS SOBRE HISTÓRIA
REUNIDOS E COMENTADOS POR FRANÇOIS HARTOG,
TRADUZIDOS PARA O PORTUGUÊS POR JACYNTHO LINS BRANDÃO

Belo Horizonte
Editora UFMG
2001

Não sem reformulação (começando pela cristã), o *tópos* da *historia magistra* permanecerá ativo até o fim do século XVIII, mesmo quando se pensava, como o velho Frederico da Prússia, que, no fundo, a única lição era que não havia lição — isso tanto é verdade, que "as besteiras dos pais são logo esquecidas pelos filhos".[19] Isso não impede que a história permaneça sobretudo como ocupação dos que fazem a história. Se a primeira cátedra de história foi criada em 1504, em Mayence, para um tradutor de Tito Lívio, seu número não aumentou de maneira significativa senão durante o século XVIII. Entra-se então num outro regime de historicidade, formulado na Alemanha no último terço do século XVIII e realizado pela Revolução Francesa: o da história concebida como processo e incarnada no progresso.

Os conceitos antigo e moderno de história então se separam — uma distância entre eles se instala, a qual faz com que saia de nosso campo de experiência o conceito (tornado de repente) antigo. Diferente do francês ou do inglês, o alemão exprimiu-o lingüisticamente. Os historiadores alemães dispunham de duas palavras para nomear a história: *Historie* e *Geschichte*. *Historie* era simplesmente a *historia* latina e significava (quase sempre) a narrativa dos acontecimentos (a *historia rerum gestarum*), enquanto *Geschichte*, vinda do alto alemão, designava antes o que se passou, o acontecimento. Do ponto de vista de uma história conceitual, dois fenômenos produziram-se então: duma parte, o emprego de *Geschichte* no singular (como singular coletivo: "a história"), e não mais no plural ("as histórias de..."); de outra parte, a absorção de *Historie* por *Geschichte* — de tal modo que o substantivo *die Geschichte* acaba por sobrecarregar-se, sozinho, com todas as significações: designa, daí em diante, o que acontece, a narrativa que se faz e a própria ciência histórica.[20] Até esta definição, que completa o círculo, formulada em meados do século XIX por J. G. Droysen: "A História é saber de si mesma." E o historiador é seu profeta.

C A P Í T U L O 1

ANTES DA HISTÓRIA

O SABER DA MUSA E A MEMÓRIA DO AEDO

Por que começar pela epopéia, que positivamente não é uma forma de história? Porque na Grécia tudo começa com a epopéia, que marcou a cultura grega de modo profundo e duradouro, sem dúvida — mas também porque a história, em todos os sentidos do termo, procede da epopéia: vem dela e dela se separou. O dispositivo da palavra épica, a memória do aedo, uma certa descoberta da historicidade são as condições que possibilitam o que, alguns séculos mais tarde, será nomeado, por Heródoto, história (historíe). *Embrenhar na questão da história na Grécia pela epopéia (séculos VIII-VII) é esboçar uma pré-história do conceito de história.*

Ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα, πολύτροπον, ὃς μάλα πολλὰ
πλάγχθη, ἐπεὶ Τροίης ἱερὸν πτολίεθρον ἔπερσε·
πολλῶν δ' ἀνθρώπων ἴδεν ἄστεα καὶ νόον ἔγνω,
πολλὰ δ' ὅ γ' ἐν πόντῳ πάθεν ἄλγεα ὃν κατὰ θυμόν,
ἀρνύμενος ἥν τε ψυχὴν καὶ νόστον ἑταίρων.[1]

Ἔσπετε νῦν μοι, Μοῦσαι Ὀλύμπια δώματ' ἔχουσαι,
485 ὑμεῖς γὰρ θεαί ἐστε, πάρεστέ τε, ἴστε τε πάντα,
ἡμεῖς δὲ κλέος οἶον ἀκούομεν οὐδέ τι ἴδμεν,
οἵ τινες ἡγεμόνες Δαναῶν καὶ κοίρανοι ἦσαν·
πληθὺν δ' οὐκ ἂν ἐγὼ μυθήσομαι οὐδ' ὀνομήνω,
οὐδ' εἴ μοι δέκα μὲν γλῶσσαι, δέκα δὲ στόματ' εἶεν,
490 φωνὴ δ' ἄρρηκτος, χάλκεον δέ μοι ἦτορ ἐνείη,
εἰ μὴ Ὀλυμπιάδες Μοῦσαι, Διὸς αἰγιόχοιο,
θυγατέρες, μνησαίαθ' ὅσοι ὑπὸ Ἴλιον ἦλθον·
ἀρχοὺς αὖ νηῶν ἐρέω νῆάς τε προπάσας.

I. TEXTOS

1. A PRESENÇA DAS MUSAS

No momento de iniciar seu canto, é a elas que o aedo se dirige: para poder cantar Ulisses que muito vagueou, para poder nomear os chefes aqueus da expedição contra Tróia.

Homero, *Odisséia*, 1, 1-5

O homem diz-me, Musa, multiforme, que muitíssimo
Vagueou, desde que, de Tróia, a sagrada cidadela pilhou,
E de muitos homens viu as cidades e o espírito conheceu —
E muitas dores ele, no mar, em seu ânimo sofreu,
Lutando por sua vida e pelo retorno dos companheiros.[1]

Homero, *Ilíada*, 2, 484-493

Dizei-me agora, Musas que a olímpica morada tendes,
Pois vós sois deusas, presentes estais a tudo e tudo sabeis —
Enquanto nós a fama apenas ouvimos, nada sabemos —
Quem os chefes dos dânaos e seus condutores eram.
A multidão eu próprio não diria nem nomearia
Nem se dez línguas e dez bocas eu tivesse,
Voz infrangível e brônzeo peito em mim houvesse,
Se as Olimpíades Musas, de Zeus que tem a égide
Filhas, não lembrassem quantos a Tróia foram.
Os chefes assim das naus direi e as naus todas.

Αἵ νύ ποθ' Ἡσίοδον καλὴν ἐδίδαξαν ἀοιδήν,
ἄρνας ποιμαίνονθ' Ἑλικῶνος ὕπο ζαθέοιο·
τόνδε δέ με πρώτιστα θεαὶ πρὸς μῦθον ἔειπον,
25 Μοῦσαι Ὀλυμπιάδες, κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο·
« Ποιμένες ἄγραυλοι, κάκ' ἐλέγχεα, γαστέρες οἶον,
ἴδμεν ψεύδεα πολλὰ λέγειν ἐτύμοισιν ὁμοῖα·
ἴδμεν δ', εὖτ' ἐθέλομεν, ἀληθέα γηρύσασθαι. »
Ὣς ἔφασαν κοῦραι μεγάλου Διὸς ἀρτιέπειαι,
30 καί μοι σκῆπτρον ἔδον δάφνης ἐριθηλέος ὄζον
δρέψασθαι θηητόν· ἐνέπνευσαν δέ μ' ἀοιδὴν
θέσπιν, ἵνα κλείοιμι τά τ' ἐσσόμενα πρό τ' ἐόντα
καί μ' ἐκέλονθ' ὑμνεῖν μακάρων γένος αἰὲν ἐόντων,
σφᾶς δ' αὐτὰς πρῶτόν τε καὶ ὕστατον αἰέν ἀείδειν.

Τοίη Μουσάων ἱερὴ δόσις ἀνθρώποισιν.
95 Ἐκ γάρ τοι Μουσέων καὶ ἑκηβόλου Ἀπόλλωνος
ἄνδρες ἀοιδοὶ ἔασιν ἐπὶ χθόνα καὶ κιθαρισταί,
ἐκ δὲ Διὸς βασιλῆες· ὃ δ' ὄλβιος, ὅν τινα Μοῦσαι
φίλωνται· γλυκερή οἱ ἀπὸ στόματος ῥέει αὐδή·
εἰ γάρ τις καὶ πένθος ἔχων νεοκηδέι θυμῷ
ἄζηται κραδίην ἀκαχήμενος, αὐτὰρ ἀοιδὸς
100 Μουσάων θεράπων κλέεα προτέρων ἀνθρώπων
ὑμνήσῃ μάκαράς τε θεοὺς οἳ Ὄλυμπον ἔχουσιν,
αἶψ' ὅ γε δυσφροσυνέων ἐπιλήθεται οὐδέ τι κηδέων
μέμνηται· ταχέως δὲ παρέτραπε δῶρα θεάων.

No prólogo da Teogonia, *Hesíodo também começa dirigindo-se às Musas, filhas de Zeus que sabem proporcionar aos homens o esquecimento das aflições. Esta evocação põe em cena o próprio Hesíodo chamando-se por seu nome.*

Hesíodo, *Teogonia*, 22-34

Elas (as Musas) certa vez, a Hesíodo, ensinaram belo canto,
Quando ovelhas ele apascentava sob o Hélicon divino.
E a mim, antes de tudo, as deusas estas palavras dirigiram,
Musas Olimpíades, filhas de Zeus que tem a égide:
Pastores agrestes, maus opróbios, ventres só,
Sabemos muitas mentiras dizer a fatos semelhantes
E sabemos, quando queremos, verdades proclamar.
Isso disseram as filhas do grande Zeus que falam claro
E a mim, como cetro, deram um ramo de florido loureiro
Que cortaram, admirável. Insuflaram-me um canto
Divino, para que celebrasse o que será e o que foi antes
E mandaram-me hinear a raça dos ditosos que sempre são
E a elas primeiro e por último sempre cantar.

Hesíodo, *Teogonia*, 93-103

Tal é das Musas o sagrado dom para os homens.
Pois é pelas Musas e por Apolo, que atira longe,
Que nobres aedos há sobre a terra e citaristas —
Como por Zeus há reis. Próspero é quem as Musas
Amam: doce lhe corre, da boca, a voz.
Pois se alguém, triste no ânimo recém-ferido,
Teme com aflito coração, tão logo o aedo,
Servo das Musas, a fama dos primeiros homens
Cante — e os ditosos deuses que têm o Olimpo,
Súbito esquece ele as aflições e de nenhuma preocupação
Se lembra: rápido o revolvem os dons das deusas.

Κῆρυξ δ' ἐγγύθεν ἦλθεν ἄγων ἐρίηρον ἀοιδόν,
τὸν περὶ Μοῦσ' ἐφίλησε, δίδου δ' ἀγαθόν τε κακόν τε·
ὀφθαλμῶν μὲν ἄμερσε, δίδου δ' ἡδεῖαν ἀοιδήν.
Τῷ δ' ἄρα Ποντόνοος θῆκε θρόνον ἀργυρόηλον
μέσσῳ δαιτυμόνων...

Αὐτὰρ ἐπεὶ πόσιος καὶ ἐδητύος ἐξ ἔρον ἕντο,
Μοῦσ' ἄρ' ἀοιδὸν ἀνῆκεν ἀειδέμεναι κλέα ἀνδρῶν,
οἴμης τῆς τότ' ἄρα κλέος οὐρανὸν εὐρὺν ἵκανε,
75 νεῖκος Ὀδυσσῆος καὶ Πηλείδεω Ἀχιλῆος,
ὥς ποτε δηρίσαντο θεῶν ἐν δαιτὶ θαλείῃ

2. VER E SABER: ULISSES E DEMÓDOCO

No banquete dos feácios, eis o espantoso encontro de Ulisses (salvo uma última vez do naufrágio, não tendo retomado ainda seu nome de Ulisses) e de Demódoco, o aedo cego:

Homero, *Odisséia*, 8, 62-66

O arauto aproxima-se, conduzindo o fiel aedo
A que a Musa tanto amou e deu um bem e um mal:
Dos olhos privou-o, deu-lhe o agradável canto.
Para ele então Pontônoo dispôs um trono tachado de prata
No meio dos comensais...

Entre os altos feitos dos homens, o aedo é então incitado a cantar a querela entre Ulisses e Aquiles (que não se conhece por outras fontes). O que provoca, uma primeira vez, as lágrimas de Ulisses.

Homero, *Odisséia*, 8, 72-92

Tão logo o desejo de beber e comer saciaram,
A Musa ao aedo impeliu a cantar a fama dos guerreiros,
Do entrecho cuja fama então ao amplo céu chegava,
A disputa de Ulisses e do Pelida Aquiles,
Quando se afrontaram no banquete festivo dos deuses

ἐκπάγλοισ' ἐπέεσσι, ἄναξ δ' ἀνδρῶν Ἀγαμέμνων
χαῖρε νόῳ, ὅ τ' ἄριστοι Ἀχαιῶν δηριόωντο·
ὣς γάρ οἱ χρείων μυθήσατο Φοῖβος Ἀπόλλων
80 Πυθοῖ ἐν ἠγαθέῃ, ὅθ' ὑπέρβη λάινον οὐδὸν
χρησόμενος· τότε γάρ ῥα κυλίνδετο πήματος ἀρχὴ
Τρωσί τε καὶ Δαναοῖσι Διὸς μεγάλου διὰ βουλάς.
Ταῦτ' ἄρ' ἀοιδὸς ἄειδε περικλυτός. Αὐτὰρ Ὀδυσσεὺς
πορφύρεον μέγα φᾶρος ἑλὼν χερσὶ στιβαρῇσι
85 κὰκ κεφαλῆς εἴρυσσε, κάλυψε δὲ καλὰ πρόσωπα·
αἴδετο γὰρ Φαίηκας ὑπ' ὀφρύσι δάκρυα λείβων.
Ἦτοι ὅτε λήξειεν ἀείδων θεῖος ἀοιδός,
δάκρυ' ὀμορξάμενος κεφαλῆς ἄπο φᾶρος ἕλεσκε
καὶ δέπας ἀμφικύπελλον ἑλὼν σπείσασκε θεοῖσιν·
90 αὐτὰρ ὅτ' ἂψ ἄρχοιτο καὶ ὀτρύνειαν ἀείδειν
Φαιήκων οἱ ἄριστοι, ἐπεὶ τέρποντ' ἐπέεσσιν,
ἂψ Ὀδυσεὺς κατὰ κρᾶτα καλυψάμενος γοάασκεν.

Com violentas palavras, e o senhor dos homens, Agamêmnon,
Alegrava-se no espírito porque os melhores dos aqueus contendiam:
Assim, pois, em oráculo lhe falara Febo Apolo,
Na sacratíssima Pito, quando ultrapassara o pétreo portal,
Para consultá-lo. Então já girava o princípio da desventura
Para os troianos e os dânaos, pela vontade do grande Zeus.
Isso sim cantava o aedo ilustre. Então Ulisses,
Grande véu de púrpura tomando com as mãos fortes,
Da cabeça fazia-o descer e escondia as belas faces:
Tinha vergonha dos feácios, os cílios banhados de lágrimas.
Mas cada vez que parava de cantar o divino aedo,
Enxugando as lágrimas, da cabeça o véu ele tirava e,
Uma taça de duas asas tomando, oferecia libação aos deuses.
Então, quando de novo começava o aedo e o impeliam a cantar
Os melhores dos feácios, após alegrar-se com as palavras,
De novo Ulisses, escondendo a cabeça, gemia.

Mais tarde, após ter prestado honras a Demódoco, Ulisses pede-lhe que cante o episódio do cavalo de madeira. De imediato atende o aedo e seu canto é, de fato, a primeiríssima narrativa da tomada de Tróia (a Ilíada *terminara antes da queda da cidade e a* Odisséia *abre-se de chofre após o acontecimento). Qual será a reação de Ulisses? De novo ele põe-se a chorar.*

Αὐτὰρ ἐπεὶ πόσιος καὶ ἐδητύος ἐξ ἔρον ἕντο,
δὴ τότε Δημόδοκον προσέφη πολύμητις Ὀδυσσεύς·
« Δημόδοκ', ἔξοχα δή σε βροτῶν αἰνίζομ' ἁπάντων·
ἢ σέ γε Μοῦσ' ἐδίδαξε, Διὸς πάις, ἢ σέ γ' Ἀπόλλων·
λίην γὰρ κατὰ κόσμον Ἀχαιῶν οἶτον ἀείδεις,
490 ὅσσ' ἔρξαν τ' ἔπαθόν τε καὶ ὅσσ' ἐμόγησαν Ἀχαιοί,
ὥς τέ που ἢ αὐτὸς παρεὼν ἢ ἄλλου ἀκούσας.
Ἀλλ' ἄγε δὴ μετάβηθι καὶ ἵππου κόσμον ἄεισον
δουρατέου, τὸν Ἐπειὸς ἐποίησεν σὺν Ἀθήνῃ,
ὅν ποτ' ἐς ἀκρόπολιν δόλον ἤγαγε δῖος Ὀδυσσεύς
495 ἀνδρῶν ἐμπλήσας, οἳ Ἴλιον ἐξαλάπαξαν.
Αἴ κεν δή μοι ταῦτα κατὰ μοῖραν καταλέξῃς,
αὐτίκα καὶ πᾶσιν μυθήσομαι ἀνθρώποισιν,
ὥς ἄρα τοι πρόφρων θεὸς ὤπασε θέσπιν ἀοιδήν. »

Homero, *Odisséia*, 8, 485-498

Tão logo o desejo de beber e comer saciaram,
Então a Demódoco dirigiu-se o astucioso Ulisses:
Demódoco, acima sim de todos os mortais te louvo:
Ou a Musa te ensinou, filha de Zeus, ou Apolo,
Pois muito em ordem o fado dos aqueus cantas,
Quanto fizeram e sofreram e quanto suportaram,
Como se, em parte, estivesses presente ou o ouvisses de outro.
Mas eia! agora muda e canta a construção do cavalo
De madeira — o que Epeio fez com Atena,
Aquele que, na acrópole, introduziu com dolo o divino Ulisses,
Tendo-o enchido de homens, os quais Ílio destruíram.
Pois se sobre isso, parte por parte, para mim discorres,
Logo também direi a todos os homens
Que um benevolente deus te deu o divino canto.

3. O *HÍSTOR*

A epopéia conhece a personagem do hístor, *ou melhor: personagens que desempenham o papel de* hístor, *de árbitro.*[2] *Em duas ocasiões, na* Ilíada, *apela-se a um* hístor *para solucionar uma situação de conflito* (neîkos). *Primeiro exemplo: por ocasião dos funerais de Pátroclo, Ájax e Idomeneu entram em desacordo no momento de saber quem, após ter dado a volta ao marco, estava à frente na corrida de carros organizada por Aquiles. Ájax, então, propõe tomar Agamêmnon como* hístor.

Τὸν δὲ χολωσάμενος Κρητῶν ἀγὸς ἀντίον ηὔδα·
« Αἶαν, νεῖκος ἄριστε, κακοφραδὲς, ἄλλά τε πάντα
δεύεαι 'Αργείων, ὅτι τοι νόος ἐστὶν ἀπηνής.
Δεῦρό νυν ἢ τρίποδος περιδώμεθον ἠὲ λέβητος,
ἴστορα δ' 'Ατρεΐδην 'Αγαμέμνονα θείομεν ἄμφω,
ὁππότεραι πρόσθ' ἵπποι, ἵνα γνώῃς ἀποτίνων. »

Λαοὶ δ' εἰν ἀγορῇ ἔσαν ἀθρόοι · ἔνθα δὲ νεῖκος
ὠρώρει, δύο δ' ἄνδρες ἐνείκεον εἵνεκα ποινῆς
ἀνδρὸς ἀποφθιμένου · ὁ μὲν εὔχετο πάντ' ἀποδοῦναι
500 δήμῳ πιφαύσκων, ὁ δ' ἀναίνετο μηδὲν ἑλέσθαι ·
ἄμφω δ' ἱέσθην ἐπὶ ἵστορι πεῖραρ ἑλέσθαι.
Λαοὶ δ' ἀμφοτέροισιν ἐπήπυον ἀμφὶς ἀρωγοί·
κήρυκες δ' ἄρα λαὸν ἐρήτυον · οἱ δὲ γέροντες
εἵατ' ἐπὶ ξεστοῖσι λίθοις ἱερῷ ἐνὶ κύκλῳ,
505 σκῆπτρα δὲ κηρύκων ἐν χέρσ' ἔχον ἠεροφώνων ·
τοῖσιν ἔπειτ' ἤισσον, ἀμοιβηδὶς δὲ δίκαζον ·
κεῖτο δ' ἄρ' ἐν μέσσοισι δύω χρυσοῖο τάλαντα,
τῷ δόμεν ὃς μετὰ τοῖσι δίκην ἰθύντατα εἴποι.

Homero, *Ilíada*, 23, 482-487

E a ele, furioso, o chefe dos cretenses, em face, diz:
Ájax, excelente nas disputas, malicioso, em tudo mais
És inferior aos argivos, porque teu espírito é duro.
Agora vamos! apostemos um trípode ou um caldeirão
E, como *árbitro*, o Atrida Agamêmnon tomemos, nós ambos,
Para dizer quais os primeiros cavalos, a fim de que saibas e
[pagues!

Segundo exemplo: no extraordinário escudo, forjado por Hefesto para Aquiles, representa-se, entre outras, uma cena em que dois homens, que um grave desacordo separa, decidem apelar para um hístor.

Homero, *Ilíada*, 18, 497-508

E a multidão, na praça, estava em massa. Lá uma disputa
Levantara-se: dois homens discutiam por causa da sanção
Por um homem morto. Um jurava tudo ter pago,
Ao povo falando; o outro negava ter recebido algo.
Os dois foram a um *árbitro* para receber a sentença.
A multidão, em volta, aplaudia, favorável a um ou a outro,
E arautos então a multidão continham. A seu lado, velhos
Sentavam-se em pedras polidas, num círculo sagrado,
Tendo nas mãos os bastões dos arautos de voz possante:
Com ele levantam a voz e, um após outro, julgam.
E eis que jazem, no centro, dois talentos de ouro,
Para dar a quem dentre eles a sentença mais reta ditar.

II. GLOSSÁRIO

MUSA

Demódoco recebeu o ensinamento — diz Ulisses — da Musa, filha de Zeus, ou de Apolo. Para Hesíodo, zeloso dos detalhes genealógicos, as Musas são filhas de Zeus e da Memória (*Mnemosýne*). *Mnemosýne* é antes de tudo uma potência de evocação, não de recolhimento. Sempre presentes, as Musas sabem tudo e cantam o que é, o que será, o que foi. Sob sua inspiração, o aedo — como o cego Demódoco — vê o que todavia jamais viu e se "lembra" do que, para ser exato, jamais conheceu. Como fundamento do saber, há essa evidência de uma presença no mundo. Em particular, o poeta da Guerra de Tróia, semelhante a Zeus do alto do Olimpo, vê paralelamente os dois lados: o dos aqueus tanto quanto o dos troianos. No século II d.C., Luciano ainda fará referência a esse olhar de Zeus, mas então para falar do historiador.

Oniscientes, as Musas podem dizer tudo: não apenas o que é, mas também, se o querem, o que não é — tanto contar "mentiras (*pseûdea*) semelhantes a fatos (*etýmoisin*)", quanto "verdades (*alethéa*) proclamar". Abre-se já aí a possibilidade de partilha entre o real e a ficção, que se apresenta sob a forma do *como* e da imitação.

HÍSTOR

Ninguém é *hístor*, mas assume a função de — sempre num contexto de desacordo. Agamêmnon é escolhido pelos dois protagonistas certamente porque é o chefe dos aqueus. Na cena do escudo as coisas são menos claras: o *hístor* é escolhido dentre os anciãos? Se sim, o que o qualifica como tal? E quem decide?

Para Émile Benveniste, *hístor*, conforme a etimologia (recorde-se a fórmula de juramento: *ísto Zeus*, que Zeus seja testemunha!), é a testemunha (*mártys*), "enquanto aquele que sabe, mas, antes de tudo, enquanto aquele que viu". Entretanto, em nenhuma das duas cenas da *Ilíada* trata-se de uma testemunha que viu: Agamêmnon não viu seguramente nada e, na outra cena, o *hístor* não é evidentemente testemunha do

assassinato. Infelizmente para nós, as duas cenas interrompem-se antes do fim. Aquiles põe termo à disputa antes mesmo que Agamêmnon entre em ação. E o escudo não pode descrever o processo em si. O *hístor* tem um papel ativo?

Agamêmnon irá promover uma investigação para saber quem estava à frente no momento do desacordo, ou é ele tão somente (e muito provavelmente) o fiador — e, nesse sentido, a "testemunha" — dos compromissos assumidos (da aposta) por Ájax e Idomeneu? Do mesmo modo, no caso do assassinato, é o *hístor* que propõe uma solução para o conflito, ou ele é somente o fiador, a "testemunha", para agora e para o futuro, de um compromisso aceito pelas duas partes, de acordo com a "reta sentença" proferida por um dos anciãos? Seu papel se aproximaria então do que era atribuído ao *mnémon*, homem-memória ou "recordação viva" (L. Gernet) — como acontecia, particularmente, na cidade cretense de Gortina. O *mnémon* é uma sorte de testemunha pública "que guarda a lembrança do passado em vista de uma decisão judicial". Sua presença indica o aparecimento, no direito, de uma "função social da memória".[3]

A *historíe* de Heródoto, com seu zelo de guardar a memória do que aconteceu dos dois lados (gregos e bárbaros), conservará algo da posição do *hístor* como árbitro, mesmo se o historiador não é nem pode ser um *hístor*. Poder-se-ia sustentar que é justamente porque ele não o é que tem necessidade de *historeîn* (investigar).

AEDO

Inspirado pela Musa, o aedo celebra os deuses ou os altos feitos dos heróis. É trazido para os banquetes e dele se espera que proporcione, aos convivas, prazer (*térpsis*) e esquecimento das aflições presentes. Quem vive gloriosamente até morrer receberá, em troca, uma glória imortal que não se consome (*kléos áphthiton*), cujo dispensador é o poeta: Aquiles é o protótipo desse herói. Pelo canto do aedo os heróis transformam-se em "homens de antigamente" e assim se tece, se repete e se transmite um passado glorioso: o passado.

"O homem, diz-me, Musa, multiforme...": o prólogo épico é partilhado entre a primeira pessoa e a segunda. O *eu* do aedo (*moi*, no dativo) acolhe e transmite a palavra divina.

Simples *medium*, presente enquanto dura sua performance, é um *eu* vazio, sem nome e sem autoridade próprios. A estrutura trabalhada no (difícil) prólogo de Hesíodo é mais complexa. A forma dual (primeira/segunda pessoa) dá lugar, pelo menos num momento, à terceira pessoa: não mais *Vós*, as Musas, mas *Elas*, as Musas; não mais *eu*, o poeta, mas *ele*. Designado de chofre por seu nome próprio — Hesíodo — que lugar ele ocupa, pelo menos por um tempo, senão o do autor?

ULISSES

Ele é aquele que sempre se lembra: não esquece nem o dia do retorno, nem que é um homem ao qual a morte aguarda no fim da rota. Ao contrário de seus companheiros, os esquecidos, ele jamais esquece quem é. Homem-memória, nesse sentido ele é também o Resistente, aquele que durante dez anos sofreu no mar — ele que de "muitos homens viu as cidades e o espírito conheceu". Aquiles, ceifado em plena glória, brilha para sempre no tempo épico, espécie de eterno presente, enquanto Ulisses, por seu retorno sem cessar retardado, sempre bem perto de perder tudo (até seu nome), experimenta o que já é "o tempo dos homens". Mesmo se a *Odisséia* o apresenta como um viajante a contragosto, essa experiência do mundo, direta e penosamente adquirida, fará dele uma figura inspiradora da historiografia, de Heródoto a Políbio — e mesmo mais além: o historiador verdadeiro será aquele que não economiza nem seu tempo, nem sua pena, nem seu dinheiro para percorrer os espaços e ver com seus próprios olhos.[4] Essa exigência — ou essa reivindicação — será, durante muito tempo, o fundamento de sua autoridade, pelo menos na Grécia.

A cena do encontro de Ulisses com Demódoco tem um valor emblemático. Solicitado por Ulisses, o aedo canta a queda de Tróia. É a primeira narração do "acontecimento" — e, sobretudo, a presença de Ulisses atesta que "isso" realmente teve lugar. Aí se encontra, portanto, a primeira narrativa "histórica". Mas com esta diferença que muda tudo: Demódoco não esteve lá e não viu nada, enquanto Ulisses ocupa, ao mesmo tempo, a função de objeto da narrativa e de testemunha (o *superstes* latino, o sobrevivente). Daí a espantosa

(falsa) questão dirigida por Ulisses ao aedo: tua narrativa não é *demasiadamente* exata para não provir de uma visão direta? A visão humana (historiadora *avant la lettre*: ver com seus próprios olhos ou ouvir de alguém que viu) torna-se, por um instante, o padrão da visão divina. Tem-se então a surpreendente e fugaz sobreposição de dois Demódocos: um (ainda) aedo e o outro (já) "historiador". Espécie de luz lançada sobre uma outra possível configuração do saber: justamente aquela da primeira historiografia, à qual Heródoto, mais tarde, dará forma e nome. Essa configuração não torna a história nem necessária, nem ao menos provável, mas simplesmente possível.

C A P Í T U L O II

A OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA

HISTOREÎN, HISTORÍE, SEMAÍNEIN

Τάδε λέγει Δημόκριτος ... Ναὶ μὴν καὶ περὶ αὑτοῦ [γράφει] ᾗ σεμνυνόμενός φησί που ἐπὶ τῇ πολυμαθίᾳ·

« Ἐγὼ δὲ τῶν κατ' ἐμαυτὸν ἀνθρώπων γῆν πλείστην ἐπεπλανησάμην, ἱστορέων τὰ μήκιστα, καὶ ἀέρας τε καὶ γέας πλείστας εἶδον, καὶ λογίων ἀνθρώπων πλείστων ἐπήκουσα, καὶ γραμμέων συνθέσιος μετὰ ἀποδείξεως οὐδείς κώ με παρήλλαξεν, οὐδ' οἱ Αἰγυπτίων καλεόμενοι Ἀρπεδονάπται, σὺν τοῖς δ' ἐπὶ πᾶσιν ἐπ' ἔτε' ὀγδώκοντα ἐπὶ ξείνης ἐγενήθην. » Ἐπῆλθε γὰρ Βαβυλῶνά τε καὶ Περσίδα καὶ Αἴγυπτον τοῖς τε Μάγοις καὶ τοῖς ἱερεῦσι μαθητεύων.

Ἑκαταῖος Μιλήσιος ὧδε μυθεῖται · τάδε γράφω, ὥς μοι δοκεῖ ἀληθέα εἶναι · οἱ γὰρ λόγοι πολλοί τε καὶ γελοῖοι, ὡς ἐμοὶ φαίνονται, εἰσίν.

I. TEXTOS

Investigar é, antes de tudo, ver por si mesmo.

1. DEMÓCRITO

Fragmento, 299, Diels-Kranz, citado por Clemente de Alexandria, classificado entre os fragmentos "que não são autênticos".

Isto diz Demócrito... sem dúvida é sobre si mesmo que escreve, quando fala em algum lugar, gloriando-se da amplitude de seu saber: "Eu sou, dentre os homens de minha época, o que mais navegou, *investigando* o mais longe possível — e muitíssimos ares e terras eu vi, muitíssimos homens sábios ouvi e, na composição de escritos com demonstração, ninguém ainda me ultrapassou, nem mesmo, dentre os egípcios, os chamados Arpedonaptas, com os quais, durante oitenta anos ao todo, estive no estrangeiro." Pois ele viajou à Babilônia, à Pérsia e ao Egito para ser discípulo dos magos e dos sacerdotes.

Demócrito de Abdera, século V a.C., filósofo que desenvolve a teoria atomista do universo, tem a reputação de ter aumentado sua experiência do mundo através de viagens e de investigações. Um outro traço de sua "biografia" faz dele discípulo dos sábios do Oriente. Passa-se da viagem de investigação à viagem para freqüentar-se a escola de.

2. HECATEU DE MILETO: O PRIMEIRO A ESCREVER A TRADIÇÃO

Hecateu de Mileto, *Fragmento 1*, Jacoby

Assim fala (*mytheîtai*) Hecateu de Mileto: escrevo isso como me parece ser verdadeiro; pois os relatos (*lógoi*) dos gregos são, como me parecem, muitos e ridículos.

Hecateu, cidadão de Mileto, viveu em torno de 500 a.C.; primeiro prosador grego, autor de um Percurso da Terra Habitada *(em dois livros — Europa, Ásia) e de* Genealogias *(perdidas), considerado muitas vezes como o primeiro historiador, representante da "razão" jônica. Mas Heródoto, que o conhece e o utiliza, distancia-se dele, chamando-o de* logopoiós *(contador de histórias).*

Ἡροδότου Θουρίου ἱστορίης ἀπόδεξις ἥδε, ὡς μήτε τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα γένηται, μήτε ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, τὰ μὲν Ἕλλησι, τὰ δὲ βαρβάροισι ἀποδεχθέντα, ἀκλέα γένηται, τά τε ἄλλα καὶ δι' ἣν αἰτίην ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι.

1. Περσέων μέν νυν οἱ λόγιοι Φοίνικας αἰτίους φασὶ γενέσθαι τῆς διαφορῆς· τούτους γάρ, ἀπὸ τῆς Ἐρυθρῆς καλεομένης θαλάσσης ἀπικομένους ἐπὶ τήνδε τὴν θάλασσαν καὶ οἰκήσαντας τοῦτον τὸν χῶρον τὸν καὶ νῦν οἰκέουσι, αὐτίκα ναυτιλίῃσι μακρῇσι ἐπιθέσθαι, ἀπαγινέοντας δὲ φορτία Αἰγύπτιά τε καὶ Ἀσσύρια τῇ τε ἄλλῃ [χώρῃ] ἐσαπικνέεσθαι καὶ δὴ καὶ ἐς Ἄργος· τὸ δὲ Ἄργος τοῦτον τὸν χρόνον προεῖχε ἅπασι τῶν ἐν τῇ νῦν Ἑλλάδι καλεομένῃ χώρῃ. Ἀπικομένους δὲ τοὺς Φοίνικας ἐς δὴ τὸ Ἄργος τοῦτο διατίθεσθαι τὸν φόρτον. Πέμπτῃ δὲ ἢ ἕκτῃ ἡμέρῃ ἀπ' ἧς ἀπίκοντο, ἐξεμπολημένων σφι σχεδὸν πάντων, ἐλθεῖν ἐπὶ τὴν θάλασσαν γυναῖκας ἄλλας τε πολλὰς καὶ δὴ καὶ τοῦ βασιλέος θυγατέρα· τὸ δέ οἱ οὔνομα εἶναι, κατὰ τὠυτὸ τὸ καὶ Ἕλληνες λέγουσι, Ἰοῦν τὴν Ἰνάχου. Ταύτας στάσας κατὰ πρύμνην τῆς νεὸς ὠνέεσθαι τῶν φορτίων τῶν σφι ἦν θυμὸς μάλιστα, καὶ τοὺς Φοίνικας διακελευσαμένους ὁρμῆσαι ἐπ' αὐτάς. Τὰς μὲν δὴ πλέονας τῶν γυναικῶν ἀποφυγεῖν, τὴν δὲ Ἰοῦν σὺν ἄλλῃσι ἁρπασθῆναι· ἐσβαλομένους δὲ ἐς τὴν νέα οἴχεσθαι ἀποπλέοντας ἐπ' Αἰγύπτου.

2. Οὕτω μὲν Ἰοῦν ἐς Αἴγυπτον ἀπικέσθαι λέγουσι Πέρσαι, οὐκ ὡς Ἕλληνες, καὶ τῶν ἀδικημάτων πρῶτον τοῦτο ἄρξαι· μετὰ δὲ ταῦτα Ἑλλήνων τινάς (οὐ γὰρ ἔχουσι τοὔνομα ἀπηγήσασθαι) φασὶ τῆς Φοινίκης ἐς Τύρον προσσχόντας ἁρπάσαι τοῦ βασιλέος τὴν

3. HERÓDOTO

Se ele é, conforme a fórmula de Cícero, o "pai da história", o prefácio (prooímion) *de suas* Histórias *representa a certidão de nascimento desta.*

Histórias, 1, 1-5

Esta a exposição da investigação de Heródoto de Túrio, para que nem os acontecimentos provocados pelos homens, com o tempo, sejam apagados, nem as obras grandes e admiráveis, trazidas à luz tanto pelos gregos quanto pelos bárbaros, se tornem sem fama — e, no mais, investigação também da causa pela qual fizeram guerra uns contra os outros.

1. Dentre os persas, dizem agora os sábios que foram os fenícios a causa do diferendo: pois estes, vindo do mar chamado Vermelho para este mar e passando a habitar esta região que ainda agora habitam, logo dedicaram-se a grandes navegações e, transportando cargas egípcias e assírias, abordaram em outras regiões, particularmente em Argos. Naquele tempo, Argos ultrapassava todas as regiões da hoje chamada Grécia. Chegando então os fenícios a Argos, põem-se a vender a carga. No quinto ou sexto dia após sua chegada, quase tudo já tendo sido vendido, foram à beira do mar diversas e muitas mulheres — e também a filha do rei. O seu nome era, conforme o que dizem também os gregos, Io, filha de Ínaco. Chegando junto à proa do navio, elas compravam, da carga, o que mais desejavam; então os fenícios, encorajando-se mutuamente, lançaram-se sobre elas. A maior parte das mulheres escapou, mas Io, com outras, foi raptada. Embarcando no navio, foram embora, navegando para o Egito.

2. Assim Io chegou ao Egito, dizem os persas, não como dizem os gregos — e assim teve início a primeira das injustiças. Depois disso, dizem eles, alguns gregos (pois não sabem informar seus nomes), atracando em Tiro, na Fenícia, raptaram a filha do rei, Europa. Poderiam ser cretenses. Assim, ficaram elas por elas.

θυγατέρα Εὐρώπην · εἴησαν δ' ἂν οὗτοι Κρῆτες. Ταῦτα μὲν δὴ ἴσα πρὸς ἴσα σφι γενέσθαι · μετὰ δὲ ταῦτα Ἕλληνας αἰτίους τῆς δευτέρης ἀδικίης γενέσθαι. Καταπλώσαντας γὰρ μακρῇ νηῒ ἐς Αἶάν τε τὴν Κολχίδα καὶ ἐπὶ Φᾶσιν ποταμόν, ἐνθεῦτεν, διαπρηξαμένους καὶ τἆλλα τῶν εἵνεκεν ἀπίκατο, ἁρπάσαι τοῦ βασιλέος τὴν θυγατέρα Μηδείην. Πέμψαντα δὲ τὸν Κόλχων βασιλέα ἐς τὴν Ἑλλάδα κήρυκα αἰτέειν τε δίκας τῆς ἁρπαγῆς καὶ ἀπαιτέειν τὴν θυγατέρα · τοὺς δὲ ὑποκρίνασθαι ὡς οὐδὲ ἐκεῖνοι Ἰοῦς τῆς Ἀργείης ἔδοσάν σφι δίκας τῆς ἁρπαγῆς· οὐδὲ ὦν αὐτοὶ δώσειν ἐκείνοισι.

3. Δευτέρῃ δὲ λέγουσι γενεῇ μετὰ ταῦτα Ἀλέξανδρον τὸν Πριάμου ἀκηκοότα ταῦτα ἐθελῆσαί οἱ ἐκ τῆς Ἑλλάδος δι' ἁρπαγῆς γενέσθαι γυναῖκα, ἐπιστάμενον πάντως ὅτι οὐ δώσει δίκας · οὐδὲ γὰρ ἐκείνους διδόναι. Οὕτω δὴ ἁρπάσαντος αὐτοῦ Ἑλένην, τοῖσι Ἕλλησι δόξαι πρῶτον πέμψαντας ἀγγέλους ἀπαιτέειν τε Ἑλένην καὶ δίκας τῆς ἁρπαγῆς αἰτέειν. Τοὺς δὲ προϊσχομένων ταῦτα προφέρειν σφι Μηδείης τὴν ἁρπαγήν, ὡς οὐ δόντες αὐτοὶ δίκας οὐδὲ ἐκδόντες ἀπαιτεόντων βουλοίατό σφι παρ' ἄλλων δίκας γίνεσθαι.

4. Μέχρι μὲν ὦν τούτου ἁρπαγὰς μούνας εἶναι παρ' ἀλλήλων, τὸ δὲ ἀπὸ τούτου Ἕλληνας δὴ μεγάλως αἰτίους γενέσθαι · προτέρους γὰρ ἄρξαι στρατεύεσθαι ἐς τὴν Ἀσίην ἢ σφέας ἐς τὴν Εὐρώπην. Τὸ μέν νυν ἁρπάζειν γυναῖκας ἀνδρῶν ἀδίκων νομίζειν ἔργον εἶναι, τὸ δὲ ἁρπασθεισέων σπουδὴν ποιήσασθαι τιμωρέειν ἀνοήτων, τὸ δὲ μηδεμίαν ὤρην ἔχειν ἁρπασθεισέων σωφρόνων· δῆλα γὰρ δὴ ὅτι, εἰ μὴ αὐταὶ ἐβούλοντο, οὐκ ἂν ἡρπάζοντο. Σφέας μὲν δὴ τοὺς ἐκ τῆς Ἀσίης λέγουσι Πέρσαι ἁρπαζομένων τῶν γυναικῶν λόγον οὐδένα ποιήσασθαι, Ἕλληνας δὲ Λακεδαιμονίης εἵνεκεν γυναικὸς στόλον μέγαν συναγεῖραι καὶ ἔπειτα ἐλθόντας ἐς τὴν Ἀσίην τὴν Πριάμου δύναμιν κατελεῖν. Ἀπὸ τούτου αἰεὶ ἡγήσασθαι τὸ Ἑλληνικὸν σφίσι εἶναι πολέμιον. Τὴν γὰρ Ἀσίην καὶ τὰ ἐνοικέοντα ἔθνεα βάρβαρα οἰκηιοῦνται οἱ Πέρσαι, τὴν δὲ Εὐρώπην καὶ τὸ Ἑλληνικὸν ἥγηνται κεχωρίσθαι.

Depois disso, os gregos foram causa da segunda injustiça. Navegando em ampla nau para Ea, na Cólquida, e atingindo o rio Fásis, ali, desincumbindo-se das outras coisas pelas quais tinham vindo, raptaram a filha do rei, Medéia. Tendo enviado o rei dos colcos um arauto à Grécia, para pedir justiça pelo rapto e pedir de volta a filha, responderam-lhe que, como os outros não haviam reparado sua injustiça pelo rapto de Io, a argiva, não haveriam eles de oferecer nenhuma reparação agora.

3. E dizem que, na segunda geração subseqüente, Alexandre, filho de Príamo, tendo ouvido falar disso, quis ter uma mulher da Grécia por rapto, sabendo que não haveria absolutamente de reparar sua injustiça, pois os gregos também não a haviam reparado. Assim, tendo raptado Helena, os gregos decidiram primeiro enviar mensageiros para pedi-la de volta e pedir justiça pelo rapto. Ouvindo isso, os outros contrapuseram-lhes o rapto de Medéia: não tendo eles então reparado a injustiça nem atendido ao que se reclamava, queriam agora obter justiça de outrem.

4. Assim, até então, havia apenas raptos mútuos, mas depois disso os gregos tornaram-se os grandes culpados: foram os primeiros que começaram por enviar uma expedição à Ásia, antes que outros à Europa. Ora, raptar mulheres eles consideram ser obra de homens injustos, mas empenhar-se em tomar satisfação pelas raptadas, coisa de tolos: não ter nenhuma preocupação com mulheres raptadas é próprio de gente sensata, pois é evidente que, se elas não quisessem, não o seriam. Eles, sem dúvida, os asiáticos, dizem os persas, não levaram absolutamente em conta as mulheres raptadas, enquanto os gregos, por causa de uma mulher lacedemônia, reuniram uma grande armada e, em seguida, indo para a Ásia, destruíram o poder de Príamo. A partir disso, sempre consideraram que o que é grego é seu inimigo. Pois reivindicam como seus a Ásia e os povos bárbaros que a habitam, enquanto consideram como algo distinto a Europa e o que é grego.

5. Οὕτω μὲν Πέρσαι λέγουσι γενέσθαι, καὶ διὰ τὴν Ἰλίου ἅλωσιν εὑρίσκουσι σφίσι ἐοῦσαν τὴν ἀρχὴν τῆς ἔχθρης τῆς ἐς τοὺς Ἕλληνας. Περὶ δὲ τῆς Ἰοῦς οὐκ ὁμολογέουσι Πέρσῃσι οὕτω Φοίνικες · οὐ γὰρ ἁρπαγῇ σφέας χρησαμένους λέγουσι ἀγαγεῖν αὐτὴν ἐς Αἴγυπτον, ἀλλ' ὡς ἐν τῷ Ἄργεϊ ἐμίσγετο τῷ ναυκλήρῳ τῆς νεός· ἐπεὶ δὲ ἔμαθε ἔγκυος ἐοῦσα, αἰδεομένη τοὺς τοκέας, οὕτω δὴ ἐθελοντὴν αὐτὴν τοῖσι Φοίνιξι συνεκπλῶσαι, ὡς ἂν μὴ κατάδηλος γένηται.

Ταῦτα μέν νυν Πέρσαι τε καὶ Φοίνικες λέγουσι. Ἐγὼ δὲ περὶ μὲν τούτων οὐκ ἔρχομαι ἐρέων ὡς οὕτως ἢ ἄλλως κως ταῦτα ἐγένετο, τὸν δὲ οἶδα αὐτὸς πρῶτον ὑπάρξαντα ἀδίκων ἔργων ἐς τοὺς Ἕλληνας, τοῦτον σημήνας προβήσομαι ἐς τὸ πρόσω τοῦ λόγου, ὁμοίως μικρὰ καὶ μεγάλα ἄστεα ἀνθρώπων ἐπεξιών. Τὰ γὰρ τὸ πάλαι μεγάλα ἦν, τὰ πολλὰ αὐτῶν σμικρὰ γέγονε· τὰ δὲ ἐπ' ἐμέο ἦν μεγάλα, πρότερον ἦν σμικρά. Τὴν ἀνθρωπηίην ὦν ἐπιστάμενος εὐδαιμονίην οὐδαμὰ ἐν τὠυτῷ μένουσαν, ἐπιμνήσομαι ἀμφοτέρων ὁμοίως.

5. Assim dizem os persas que tudo aconteceu — e na tomada de Ílion encontram o princípio da hostilidade que têm para com os gregos. Sobre Io, os fenícios não concordam com os persas no seguinte: dizem que não a conduziram ao Egito usando de rapto, mas que, em Argos, ela teve relações com o capitão do navio. Tão logo percebeu que estava grávida, ficou com medo de seus pais e partiu, por sua própria vontade, com os fenícios, para não ser descoberta.

Isso é o que tanto os persas quanto os fenícios dizem. Eu, sobre essas coisas, não irei dizer que aconteceram assim ou assado. Aquele que eu próprio sei ter sido o primeiro a começar as ações injustas contra os gregos, indicarei e prosseguirei a seqüência da narrativa, percorrendo por igual as pequenas e as grandes cidades dos homens. Pois a maioria das que antigamente eram grandes tornaram-se pequenas; e as que, em meu tempo, eram grandes, antes eram pequenas. Sabendo, portanto, que a felicidade humana jamais permanece no mesmo ponto, recordarei igualmente ambos os tipos.

Originário de Halicarnasso, vivendo em torno de 480-420 a.C., Heródoto conheceu o exílio, que fez dele um estrangeiro, pelo menos até sua instalação em Túrio, na Itália; viajou, viveu em Atenas. Suas Histórias *cobrem o período de 550 a 480, com numerosas retrospectivas. Sua vida inscreve-se entre dois conflitos maiores: as guerras médicas, que ele escolheu contar, e a Guerra do Peloponeso, que Tucídides contou e, assim, nomeou "para sempre". Durante esse período, as mudanças políticas são importantes: Esparta, em primeiro lugar, Atenas, em seguida, desempenham os papéis principais. Do ponto de vista político, a isonomia substitui a* eunomía *e a democracia afirma-se, particularmente em Atenas.*

4. PAUSÂNIAS

Eis, muito mais tarde, um exemplo de retomada e de transformação do tema herodotiano das "cidades grandes e pequenas" e da instabilidade das coisas humanas, num autor do século II d.C.: Pausânias. Originário da Ásia, autor da Descrição da Grécia, *ele foi um grande viajante em torno do Mediterrâneo.*

33. [1] Εἰ δὲ ἡ Μεγάλη πόλις προθυμίᾳ τε τῇ πάσῃ συνοικισθεῖσα ὑπὸ Ἀρκάδων καὶ ἐπὶ μεγίσταις τῶν Ἑλλήνων ἐλπίσιν ἐς αὐτὴν κόσμον τὸν ἅπαντα καὶ εὐδαιμονίαν τὴν ἀρχαίαν ἀφῄρηται καὶ τὰ πολλά ἐστιν αὐτῆς ἐρείπια ἐφ' ἡμῶν, θαῦμα οὐδὲν ἐποιησάμην, εἰδὼς τὸ δαιμόνιον νεώτερα ἀεί τινα ἐθέλων εἰργάζεσθαι, καὶ ὁμοίως τὰ πάντα τά τε ἐχυρὰ καὶ τὰ ἀσθενῆ καὶ τὰ γινόμενά τε καὶ ὁπόσα ἀπόλλυνται μεταβάλλουσαν τὴν τύχην καὶ ὅπως ἂν αὐτῇ παριστῆται μετὰ ἰσχυρᾶς ἀνάγκης ἄγουσαν. [2] Μυκῆναι μέν γε, τοῦ πρὸς Ἰλίου πολέμου τοῖς Ἕλλησιν ἡγησαμένη, καὶ Νῖνος, ἔνθα ἦν Ἀσσυρίοις βασίλεια καὶ Βοιώτιαι Θῆβαι προστῆναι τοῦ Ἑλληνικοῦ ποτε ἀξιωθεῖσαι, αἱ μὲν ἠρήμωνται πανώλεθροι, τὸ δὲ ὄνομα τῶν Θηβῶν ἐς ἀκρόπολιν μόνην καὶ οἰκήτορας καταβέβηκεν οὐ πολλούς. Τὰ δὲ ὑπερηρκότα πλούτῳ τὸ ἀρχαῖον, Θῆβαί τε αἱ Αἰγύπτιοι καὶ ὁ Μινύης Ὀρχομενὸς καὶ ὁ Δῆλος τὸ κοινὸν Ἑλλήνων ἐμπόριον, αἱ μὲν ἀνδρὸς ἰδιώτου μέσου δυνάμει χρημάτων καταδαίουσιν ἐς εὐδαιμονίαν, ἡ Δῆλος δέ, ἀφελόντι τοὺς ἀφικνουμένους παρ' Ἀθηναίων ἐς τοῦ ἱεροῦ τὴν φρουράν, Δηλίων δὲ ἕνεκα ἔρημός ἐστιν ἀνθρώπων. [3] Βαβυλῶνος δὲ τοῦ μὲν Βήλου τὸ ἱερὸν λείπεται, Βαβυλῶνος δὲ ταύτης, ἥντινα εἶδε πόλεων τῶν τότε μεγίστην ἥλιος , οὐδὲν ἔτι ἦν εἰ μὴ τεῖχος, καθὰ καὶ Τίρυνθος τῆς ἐν τῇ Ἀργολίδι. Ταῦτα μὲν δὴ ἐποίησε ὁ δαίμων εἶναι τὸ μηδέν· ἡ δὲ Ἀλεξάνδρου πόλις ἐν Αἰγύπτῳ καὶ ἡ Σελεύκου παρὰ τῷ Ὀρόντῃ χθές τε ᾠκισμέναι καὶ πρώην ἐς τοσοῦτο ἐπιδεδώκασι μεγέθους καὶ εὐδαιμονίας, ὅτι σφᾶς ἡ τύχη δεξιοῦται. [4] Ἐπιδείκνυται δὲ καὶ ἐν τῷδε ἔτι τὴν ἰσχὺν μείζονα καὶ θαύματος πλείονος ἢ κατὰ συμφορὰς καὶ εὐπραγίας πόλεως· Λήμνου γὰρ πλοῦν ἀπεῖχεν οὐ πολὺν Χρύση νῆσος, ἐν ᾗ καὶ τῷ Φιλοκτήτῃ γενέσθαι συμφορὰν ἐκ τοῦ ὕδρου φασί· ταύτην κατέλαβεν ὁ κλύδων πᾶσαν, καὶ κατέδυ τε ἡ Χρύση καὶ ἠφάνισται κατὰ τοῦ βυθοῦ. Νῆσον δὲ ἄλλην καλουμένην Ἱερὰν <...> τόνδε οὐκ ἦν χρόνον. Οὕτω μὲν τὰ ἀνθρώπινα πρόσκαιρά τε καὶ οὐδαμῶς ἐστιν ἐχυρά.

Pausânias, *Descrição da Grécia*, 8, 33, 1-4

33. [1] E que Megalópolis, fundada em conjunto, com todo o ardor, pelos arcádios (e em que os gregos punham grandes esperanças), tenha sido pilhada de todo ornamento e da antiga prosperidade, sendo em nossa época, na maior parte, só ruínas, não me provocou espanto. Sei que deus sempre quer criar algo mais novo: tudo, por igual, o sólido e o fraco, o que nasce e quanto morre, a Fortuna transforma e dispõe para si, governando de modo necessariamente implacável. [2] Micenas, com efeito, que comandou os gregos na guerra contra Tróia, Nínive, onde estava a realeza dos assírios, e Tebas da Beócia, que teve a honra de, em certa época, presidir a confederação grega, estão, uma, deserta, outra totalmente destruída, enquanto o nome de Tebas está reduzido só à acrópole e a não muitos habitantes. As que eram antigamente superiores em riqueza, Tebas do Egito, Orcômeno dos Mínias e Delos, mercado comum dos gregos, são menos prósperas que uma pessoa comum de recursos materiais médios, enquanto Delos, excetuando-se os enviados pelos atenienses para a guarda do santuário, encontra-se deserta de homens, pelo menos de délios. [3] Da Babilônia resta o templo de Bel, mas daquela Babilônia, a maior das cidades que então viu o sol, nada mais há senão uma muralha, como também de Tirinto, na Argólida. A essas cidades, com efeito, fez deus que se transformassem em nada. Mas Alexandria do Egito e Seleucéia às margens do Orontes, fundadas ontem e anteontem, chegaram a tal grandeza e prosperidade porque a Fortuna as favoreceu. [4] Mas, uma força ainda maior e mais espantosa que nas desgraças e sucesso das cidades mostra-se também nisto: não a muito tempo de navegação de Lemnos encontrava-se a ilha de Crisa, na qual dizem ter acontecido a Filoctetes a desgraça de ser vítima da serpente; um maremoto tomou-a toda, Crisa afundou e desapareceu no abismo. Outra ilha chamada Híera... nessa época não existia. Assim, pois, as coisas humanas são temporárias e nada é sólido.

II. GLOSSÁRIO

EU ESCREVO/*GRÁPHO*

Esta primeira pessoa firmemente reivindicada por Hecateu de Mileto marca um momento importante. Fazer o inventário do mundo ou ordenar as narrativas (*lógoi*) feitas pelos gregos — narrativas genealógicas ou sobre outros assuntos — faz parte de um mesmo projeto intelectual, que tem como instrumentos a escrita e o exercício do julgamento (*dokeîn*), visando a estabelecer o verdadeiro: "Eu, Hecateu, escrevo e, passando no crivo de meu *dokeîn* essas múltiplas narrativas, rio." Pela própria escrita, a multiplicidade dos "mitos" da tribo grega torna-se efetivamente visível, até mesmo risível. Trata-se de uma primeiríssima transcrição ou de uma escrita já em segundo nível — uma mistura entre as duas? É difícil decidir, mas é certo que Hecateu não trabalhou a partir do nada. Ele não é o primeiro etnólogo dos gregos: transcreve, talvez reescreve, interpreta. Mas a novidade está no próprio fato de ele conceber uma tal coletânea, que reúne, discerne e produz um novo verossímil, que dá ou restitui um lugar e confere um sentido a esses *lógoi* múltiplos.

INVESTIGAÇÃO/*HISTORÍA*

Investigação em todos os sentidos da palavra. O termo designa mais um estado de espírito (a ação de quem *historeî*) e um tipo de iniciativa (um método), que um domínio particular em que ela se exerce especificamente. É uma palavra que pertence àquele momento da história intelectual: quer dizer o que quer dizer e cada um adapta-a a seu próprio uso. Pode servir para indicar a atividade de um "investigador-viajante" como Demócrito, ou uma investigação de tipo judiciário; os médicos também apelam para ela, os trágicos não a ignoram. Heródoto fará dela a palavra-chave de todo seu empreendimento (sem esquecer, entretanto, o *hístor*-árbitro da época arcaica). Em suma, se a história até hoje não cessou de tomar emprestadas as noções que emprega e propõe para cada época, como um instrumento destinado a produzir um acréscimo de inteligibilidade, Heródoto inaugurou essa prática, começando por tomar emprestado e pôr à disposição o próprio nome do que se tornará a história.

Entre o *hístor* e o "historiador", entendido como aquele que investiga passo a passo (*historeî*), pode-se ainda intercalar uma cena interessante de Heródoto (1, 23-24), em que se vê a personagem principal *historéesthai*. Trata-se de Periandro, o tirano de Corinto, quando confrontado com um acontecimento excepcional. O famoso cantor Aríon veio encontrá-lo para contar-lhe uma história extraordinária. Obrigado a lançar-se ao mar pelos marinheiros que o deviam conduzir à Itália, foi salvo por um golfinho. Periandro, que absolutamente não creu nisso, antes de tudo detém Aríon e, depois, quando os marinheiros chegam ao porto de Corinto, manda-os chamar e "informa-se se teriam algo a dizer sobre Aríon" (*historéesthai eí ti légoien*). Periandro, evidentemente, não é uma testemunha, não é também um investigador no sentido moderno (ele não manda revistar o barco), mas interroga os marinheiros de modo que são eles que irão designar-se como culpados, já que respondem que Aríon está bem e que o deixaram em perfeito estado em Tarento. Nessa situação de diferendo, Periandro intervém como um mestre do discurso, estatuto que o habilita a fazer perguntas.

Historía, formada a partir do verbo *historeîn*, é derivada de *hístor* (remetendo etimologicamente a *ideîn*, "ver", e a *(w)oida*, "saber"). "De Heródoto de Halicarnasso, eis a exposição de sua *historíe...*": expressas no genitivo, essas primeiras palavras (diferentemente do *eu* épico, disposto no dativo) valem como uma assinatura inaugural daquele que vem apresentar em público, em seu próprio nome, sua pesquisa. O mundo mudou. Ele não pode ser mais um aedo que a Musa inspira, pois a economia do discurso épico não está mais em curso. Ele não é também um *hístor* que venha dirimir uma querela, com base em suas prerrogativas, seja arbitrando entre versões conflitantes, seja, sobretudo, agindo como fiador de alguma coisa que foi celebrada. Não, ele é aquele que *historeî* (jamais se nomeia "historiador"), que reivindica um lugar para seu saber — o qual, entretanto, se encontra inteiramente por construir. Daí em diante, para "ver" é preciso arriscar-se (ir ver) e aprender a ver (recolher testemunhos, reunir as diferentes versões, relatá-las, classificá-las em função do que se sabe por outras fontes e também em função do grau de verossimilhança).

Desde então, a *historíe* é o procedimento que opera como substituto da visão de origem divina (uma espécie de substituto barato), que redunda numa visão limitada e jamais de todo adquirida. Por ela passa o primeiro tempo da operação historiográfica de Heródoto. Não se trata mais senão dos homens e do que fizeram eles de grande (o aedo cantava tanto os homens quanto os deuses), num tempo que é, também ele, somente aquele dos homens. Contra o tempo que apaga tudo, o historiador fará uma obra de memória e, já que a instabilidade é a regra, é-lhe necessário dar atenção, "paralelamente", como um juiz equânime, às grandes e às pequenas cidades: àquelas que *eram* grandes e se tornaram pequenas; do mesmo modo que àquelas que *eram* pequenas e se tornaram grandes.

Enfim, a Musa, como única enunciadora, tendo-se calado, é substituída, daí em diante, por uma narrativa de estrutura dupla: de um lado, o *eu* investigador e narrador, que vai e vem, avalia e julga; de outro, a profusão dos *lógoi* sustentados por uns e outros (até o anônimo *légetai*, diz-se), que aquele inventaria e relata — e, de um a outro, as modalidades, sempre a serem renegociadas, de um processo de "interlocução" que forma a textura profunda e que é a razão de ser da narrativa histórica.

SIGNIFICAR/*SEMAÍNEIN*

Se Heródoto *historeî*, quer dizer que também *semaínei*, isto é: *significa* (em todos os sentidos do termo). No momento em que toma a palavra pela primeira vez, dizendo *eu*, *semaínei*: "revela", "significa" aquele que primeiro tomou a iniciativa de atos ofensivos em relação aos gregos. Ele designa, com efeito, Creso, o rei dos lídios, como *aítios*, "culpado", "responsável". Ora, o verbo *semaínein* pertence ao registro do saber divinatório. Seria evidentemente errado induzir a partir disso que Heródoto é um adivinho ou mesmo que faz o papel de adivinho, pois esse gesto de designação ele o arrisca, como se preocupa em precisar, a partir de seu próprio saber e não como médium de um saber outro. Mas isso não impede que retome para si, para o progresso de sua investigação, algo da autoridade do gesto divinatório.

Semaínein bem como *historeîn* são duas operações que possibilitam ver mais longe no espaço e no tempo, além do que se pôde ver por si mesmo, deslocando a fronteira entre o visível e o invisível — enfim, duas formas de começar que dão seu estilo à prática do primeiro historiador. Nem aedo, nem adivinho, entre o aedo e o adivinho: Heródoto.

GREGOS/BÁRBAROS

De chofre, o par antônimo e assimétrico gregos/bárbaros, gregos/não gregos. Nenhuma necessidade de justificar essa divisão da humanidade que os poemas homéricos, todavia, ignoravam. As guerras médicas impuseram-na: as *Histórias*, a um só tempo, dão testemunho dela e contribuem para sua elaboração. Elas territorializam o bárbaro, cujo domínio se entende, daí em diante, ser a Ásia — e dão-lhe uma feição: sobretudo a do persa. Mas, para Heródoto, a *barbárie* é fundamentalmente política: em face dos gregos que vivem em cidades politicamente organizadas, o bárbaro é aquele que se mostra sempre incapaz de viver sem reis.

Assim como o aedo, inspirado pela Musa, cantava igualmente a gesta dos aqueus e dos troianos, o historiador se sentirá, desde o início, impelido a guardar, *por igual*, a memória dos gregos e dos bárbaros. Exatamente como o *hístor* era chamado a intervir entre duas partes. O historiador não dá atenção a tudo o que eles fizeram, mas somente ao que é grande e suscita espanto (*thôma*). Essa é uma outra estrutura profunda da narrativa histórica: o historiador "vê", deve ver dos "dois lados" e deve utilizar um princípio de seleção. Tucídides reformulará a exigência dos "dois lados", mas a sua maneira, quando notará que o exílio lhe permitiu assistir aos fatos "dos dois lados".